

# Transcrição Episódio Semeio: conversando sobre a criança na cidade

Apresentação: Hector Sousa

Roberta Asse

Convidadas e convidado: Bianca Antunes

Rodrigo Mindlin

Simone Sayegh

## [Trilha]

**Hector Sousa:** Olá Ouvintes e ouvintinhos esse é o Podcast Meio-fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável. O meio-fio faz parte do projeto TraDUS uma iniciativa para promover ações de educação urbana da Universidade Federal Rural do semiárido em parceria com o ministério do desenvolvimento Regional o MDR por meio da Coordenação Geral de apoio à gestão Regional e urbana A CGDRU, neste Episódio a conversa é com gente grande sobre gente pequena, vamos apresentar o Semeio um braço do projeto TraDUS que desenvolve ações para tratar das relações entre a criança e a cidade. Eu, Hector Sousa vou guiar esse papo aqui, mas a especialista no Semeio é a coordenadora da equipe, a arquiteta e escritora Roberta Asse. Olá Roberta seja bem-vinda você e o Semeio aqui no Meio-fio

**Roberta Asse:** Olá Hector, muito obrigada a gente tá muito feliz eu falo em nome da equipe do Semeio por está recebendo pessoas que a gente admira tanto e poder fazer essa conversa boa sobre as relações entre as crianças e as cidades. Contar um pouco das nossas contribuições dos nossos projetos, agradeço muito a participação do Rodrigo, da Bianca, da Simone e queria começar contando que o Semeio é um projeto que tá acontecendo há um ano, mais ou menos né a gente tá produzindo algumas publicações para conversar com as crianças e também com os adultos sobre o desenvolvimento urbano sustentável. E um dos nossos produtos é um livro um livro de literatura que conta o trajeto de personagem que vai sair sozinho para cidade dele pela primeira vez então a gente ficou pensando muito aqui que a gente poderia se apresentar e contar como foi a nossa experiência de criança quando saiu pela cidade pela primeira vez ou qualquer outra

memória essa memória que é tão importante tão forte né que a gente traz da nossa do nosso olhar de criança para cidade.

**Áudio de passagem:**

*Criança: Eu fui pra praça da matriz era no natal, eu tirei muitas fotos, brinquei, comi algodão doce, fiz um monte de coisa.*

**Roberta Asse:** Então eu sou Roberta Asse arquiteta, escritora e ilustradora de livros infantis, coordeno o Semeio que é essa equipe que está criando esse livro e esse almanaque. A minha memória de Criança e cidade tem muito haver com essa história que o livro conta que a primeira vez que eu tive que sair sozinha não foi uma situação que eu planejei eu precisei encontrar minha mãe e eu tive que pegar um ônibus pela primeira vez e meu maior Pânico era pegar o ônibus errado Claro e naquela época o ônibus era com números assim não tinha não aparecia muito claro o lugar aonde ia durante o trajeto inteiro da minha casa até o ponto de ônibus repetindo o número do ônibus né até hoje eu não não esqueci de fazer isso era 4 enfim então eu descii a rua inteira Cheguei no ponto 4 e enfim deu super certo cheguei no lugar tudo direitinho e me senti super adulta por ter andado de ônibus sozinha pela primeira vez isso eu devia ter uns 11, 12 então foi muito especial poder observar né as pessoas, de estar desacompanhada.

**Hector Sousa:** e como a Roberta falou o meio-fio hoje aqui está cheio de gente para bater esse papo além da Roberta e eu está aqui também a Bianca Antunes jornalista e Mestre em desenvolvimento urbano e co-fundadora do projeto Casacadabra, Bem vinda Bianca.

**Bianca Antunes:** Obrigada Hector, obrigada Roberta, obrigada pelo convite é sempre muito bom falar sobre cidades e infâncias é uma sementinha que plantam na gente é uma paixão que acomete a gente né é o mundo que eu comecei a estudar e comecei a escrever sobre em 2016 junto com a Simone mas o qual eu vivo há muito tempo né não vou falar quanto, desde que eu nasci. E aí um pouco para responder a instigação da Roberta e Minha primeira experiência assim que eu lembro de Muita ansiedade assim de muita muita descoberta é muito parecida com a da Roberta mas mas veio de um desejo assim de uma insistência dos meus pais e voltar da escola para casa de ônibus, então para mim foi uma conquista muito importante, assim eu lembro de olhar cidade pela janelinha do ônibus sabe e olhar as pessoas caminhando, e descobrir a cidade se transformando pela janela foi muito importante e algo que eu trago até hoje comigo assim Eu sempre gosto de sentar na janelinha do ônibus e olhar cidade se transformando as pessoas, os tipos o que cada um tá fazendo como a cidade se transforma né o bairro de

repente um bairro que é super quieto e depois entra no bairro que tá aquela bagunça de gente enfim, é isso.

**Hector Sousa:** O Rodrigo Mindlin Loeb também está por aqui, ele é arquiteto e urbanista, superintendente do Instituto Brasiliana e atuante em parcerias importantes em prol da conexão infâncias e cidades. Bem vindo Rodrigo.

**Rodrigo Mindlin:** Obrigado maravilha Hector está aqui com vocês. Estou muito feliz com o convite, né de estar juntos conversando sobre esse tema juntos sobre esse tema de fato tão importante arrebatador como a Bianca falou né uma vez que a gente mergulha nisso é um ponto de não retorno. A gente passa a entender essa importância de um olhar específico para as infâncias e também para juventude no contexto das cidades, afinal né o mundo é eminentemente urbano hoje, o Brasil já tem mais de 86% da população vivendo nas cidades, que é muita gente. Então eu já tenho alguns anos dentro da academia dentro da prática na academia com a minha colega professora Ana Gabriela Godinho Lima instituímos um núcleo de pesquisa e projeto em cidade, gênero e infância de muitos caminhos e possibilidades também de difusão disso. E aí lembrando, eu tava aqui lembrando dessas experiências, minhas né experiências pessoais na cidade eu morava numa região de São Paulo no Itaim Bibi perto da Avenida Santo Amaro em uma época que ainda o córrego do sapateiro ele era aberto né era um córrego esse questão da natureza né essa questão da presença de uma pré-existência que ainda não não tinha sido totalmente soterrada por essa cidade, por essa Selva de Pedra né e eu lembro muito de circular perto lá e jogar bola com as crianças de uma comunidade lá perto né que vivia numa condição é bastante precária naquela época já mas que no brincar éramos todos crianças né todos iguais todos com as mesmas alegrias com os mesmos medos com as mesmas vontades, né. E lembro também dessa coisa de andar de ônibus né estudava em Dianópolis e pegava o Socorro e o 56R para voltar, e foi uma coisa divertida que essa experiência mesmo, né, da gente ter essa perspectiva de circular com criança na cidade e de saber que lugar de criança é na rua, como fala muito bem sempre Tião Rocha, que é antropólogo muito bacana. Então é uma alegria estar aqui junto com vocês e tenho certeza que o papo vai ser ótimo

**Hector Sousa:** e por fim mas não menos importante temos a Simone Sayegh urbanista e junto da Bianca é co-fundadora do projeto Casacadabra, Bemvinda Simone.

**Simone Sayegh:** Obrigado, obrigado a todos, obrigado pelo convite Hector é muito bom está com essa turma forte aqui assim sempre penso que eu tô nesse caminho e esse caminho iniciou mesmo por conta da educação da vontade que eu tinha de passar o

conhecimento de Educar de transmitir E isso aconteceu muito por meio dos nossos livros né no Projeto Casacadabra e tem continuado nesse meu caminho profissional e a Bianca foi assim a pessoa perfeita para fazer isso acontecer né para que isso desse frutos mesmo. E quando eu lembro do Passado assim eu vivia em dois bairros muito distintos Aclimação e Santana aqui em São Paulo e eu lembro na Aclimação o que mais eu gostava era atravessar a rua e comer na venda, tinha uma venda a gente chamava venda naquela época e o contato com Seu Isidro que era o dono da venda era a coisa mais importante do dia para se fazer na cidade então era um momento muito especial quando minha mãe me dava o dinheiro eu ia atravessava a rua ia comprar uma bala, um chocolate, qualquer coisa que Seu Isidro vendia, as vezes eu passo na rua e fico pensando onde foi parar o Seu Isidro que era o meu contato na cidade né e isso faz muito muito muito tempo quando eu mudei para Santana eu vivia nas ruas literalmente a gente brincava na rua a gente parava carro, a gente fazia coisas para vender e parava carro para vender as nossas, os nosso origamis as nossas brincadeiras e a gente quer dizer e ninguém nunca falava e não tinha essa preocupação com segurança naquela época e eu também não tinha obviamente esse olhar de adulto para mim tava tudo bem a rua tava ótima o meio-fio tava ótimo, os buracos estavam ótimos eu simplesmente era feliz porque eu brincava com os meus amigos e a gente se apropriava da cidade dessa maneira, sem ter a interferência do adulto sem ter a preocupação com a segurança e é isso que eu lembro bem forte mesmo. Eu percebo que hoje essa preocupação com a segurança é o maior restritivo de uma criança né a coisa mais restritiva para uma criança tá na rua hoje em dia.

**Áudio de passagem:**

*Criança: Eu sei sim o que é espaço público, estudei muito, acho ano retrasado ano passado.*

*Mãe: Ano passado.*

*Criança: Ano passado!*

*Mãe: E o que é espaço público?*

*Criança: Faz um tempo, então eu não me lembro muito.*

*[risadas]*

*Criança: Na verdade eu sei, mas eu esqueci.*

**Hector Sousa:** Vocês já falaram um pouco da atuação de vocês aí na apresentação, mas eu queria saber se na formação de vocês receberam algum direcionamento no campo de atuação para as crianças e como foi que vocês encontraram esse caminho para estudar e falar sobre esse recorte.

**Rodrigo Mindlin:** Eu assim, primeiro acho que na minha formação de Arquiteto Urbanista isso não esteve presente né é uma formação muito apoiada numa visão modernista né, uma visão de uma lógica muito cartesiana, científica também apoiada numa produção da arquitetura a partir de uma materialidade que vem de processos extrativistas muito agressivos ao meio ambiente e isso nunca foi colocado como uma questão, né meu interesse depois ao longo do curso depois pelas questões de sustentabilidade foram emergindo na medida em que eu fui observando o mundo observando as coisas a partir de um olhar desse já desse campo da arquitetura e do urbanismo né. Eu durante a graduação tive uma experiência na verdade que foi numa iniciação científica que agora tô aqui conectando né que foi, que era um grupo de pesquisa que estudava com a senhora Maria Cecília França Lourenço coordenava estudava questão de museus da cultura na cidade e tal e meu interesse foi por investigar as propostas do Mário de Andrade quando foi secretário da cultura da cidade de São Paulo e o Mário teve projetos de bibliotecas infantis, de parques infantis então como tinha uma quantidade muito grande de imigrantes naquele período de pessoas chegadas recém-chegadas na cidade Mário de Andrade tinha esse olhar né que era preciso propiciar lugares públicos, lugares abertos né tanto que até hoje tem uma creche na Praça da República né que é fruto daquela ideia daquele daquela utopia que o Mário de Andrade propôs para cidade de São Paulo. Mas aí eu fui trabalhar com essas enfim projetos sempre voltados para essa preocupação ambiental eu acabei morando um tempo em Manaus para o desenvolvimento de um projeto aquela experiência foi muito marcante para mim do ponto de vista dessa relação desse sentir a natureza, desse sentir né da paisagem como algo que vai muito além da descrição mas que vai por essa percepção do sentido e a infância é sentido puro né. Então eu acho que essa questão essa articulação né criança, cidade, natureza é algo muito importante de ser pensado de ser trabalhado e ser investigado né essa coisa de a gente colocar em contato de sentir os animais, de sentir as plantas as árvores é cheiro , é o gosto, é a terra enfim toda essa experiência. Assim minha experiência com infância foi muito profunda como o pai da Mira e do Ravi né, os meus filhos e tal, que a gente muda muito né se você vai andar na cidade sem essa experiência de ter filho você passa reto um monte de gente, você vai andar na cidade né com carregando bebê no colo você para conversa, as pessoas riem, há uma troca né um contato os afetos estão presentes né eles podem acontecer Infelizmente hoje tem essa coisa de que não pode o medo né então isso atrapalha muito mas na real essa ideia de que a aldeia que cuida das crianças né todo mundo é pode ser um cuidador de crianças que não são seus próprios filhos mas que pode cuidar como se fossem né porque isso é algo que tá na também na nossa natureza e precisa ser resgatado e restaurado e aí a partir daí né fizemos avaliação do programa São Paulo carinhosa no âmbito do ministério foi uma experiência muito rica e chamamos o Centro de Estudos da

Metrópole do CEBRAP para fazer a parte de análise das políticas públicas, e aí em seguida foi emendando a fundação Van Leer me chamou para ir num evento em Bogotá um encontro, eles estavam formulando esse programa que chama Urban 95 que é pensar a cidade a partir do olhar de uma criança de 95 cm de altura mais ou menos 3 anos de idade que parei no aí no Jardim Lapenna por indicação justamente dos meus filhos que tinham trabalhado no programa da Rede Vagalume que são crianças que trocam mensagens de São Paulo e da Amazônia e tem uma coisa que a literatura que é muito legal, então as coisas foram se conectando né, e aí finalmente surgiu esse edital e a gente apresentou uma proposta de fazer um núcleo de projeto de pesquisa em cidade gênero e infância encontrei a professora Ana Gabriela Godim Lima que foi colega de turma que tava muito mergulhada na temática do debate de gênero no campo da arquitetura e do urbanismo e isso então se complementou a gente venceu foi um dos projetos contemplados, por termos ganho fui até a Índia num congresso de infância conheci as pessoas na Índia então fui conhecendo né muita gente que tava trabalhando com essa temática e aí a coisa desenrolou acabei também no instituto de arquitetos constituímos um GT de cidade infância e juventudes aí agora estou representante com Beatriz Vilar na União Internacional de Arquitetos também um GT, sou membro da rede nacional da primeira infância, enfim a gente vai né mergulhando nesse mundo e acho que não tem volta né dependendo dos caminhos que a gente vai seguindo.

**Bianca Antunes:** Falei que era uma sementinha que chegava plantava E é isso aí vai crescendo. Olha tou aqui pensando tô fazendo um esforço aqui pra ver se eu não sou injusta se não estou esquecendo de algo que aconteceu na minha graduação que envolvesse infância, lembrando que eu fiz graduação em jornalismo. Não, minha memória me trai muitas vezes mas eu não não lembro de momentos assim em que a questão das infâncias chegou na graduação de alguma forma assim, eu acho que o mais próximo disso eu fiz depois de uma graduação, fiz dois anos de graduação de letras e fiz uma ou outra matéria em Literatura Infantil mas foi o máximo assim de infância que chegou até mim na minha graduação assim e aí como eu disse lá atrás comecei a olhar como como algo a ser estudado a ser analisado a ser trabalhado com isso né lá em 2016 na verdade um pouco antes né porque o livro o primeiro Casacadabra a gente lançou em 2016 mas a gente começou a produzir ele pelo menos em 2013/14 por aí. E foi aí que eu fui... comecei a ir atrás de inspirações e a verdade é que existem muitas inspirações existem muitas pessoas trabalhando sobre o tema. Conheci o trabalho do Francesco Tonucci por exemplo no livro A Cidade das Crianças não tem, felizmente a gente não tem português mas que é um trabalho maravilhoso e super inspirador. Então a gente vai descobrindo ações e projetos né eu participei de um seminário em Lisboa a Ludantia que trouxe pessoas do mundo inteiro para discutir cidade, infância e participação infantil então a gente entende

que não tá sozinho e aí isso também dá um quentinho muito muito bacana e muita gente já fazendo coisas né. E fiz em 2017 uma consultoria para Fundação Bernard Van Leer também que foi minha primeira aproximação deles e acho que eles também investem muito nesse olhar principalmente pra primeira infância e para a gente olhar essa cidade a partir dos 95 cm mudar a nossa perspectiva de como a gente muda a cidade acho que isso é um aprendizado e uma experiência que todos precisamos fazer ao sair da sair a rua né, lembrando que principalmente aí na primeira infância do 0 aos 3 anos a gente tem que pensar no cuidador né como esse cuidador que é quem vai levar a criança para Rua do espaço público para o espaço Verde como eles sente a cidade quão agradável cidade é para ele. Então esse ah enfim é só um pouco de como fui buscar essas inspirações a Simone também me ajudou muito nessa busca por que nesse meio tempo ela entrou na graduação em pedagogia então também nos aproximou dessa nessa área e para mim foi muito rico assim nesse caminho.

**Roberta Asse:** Acho que eu vou antes da Simone falar, gostaria de puxar um gancho que que a Bianca falou que eu acho que para mim é muito importante é o olhar para esse tema eu tô cada vez mais convencida de que é muito multidisciplinar né se a gente olhar a trajetória do Rodrigo e da Bianca você vai ver que vão se cruzando outras disciplinas que que são fundamentais para o entendimento para olhar da infância no meu caso minha formação também é Arquitetura e também tenho muito essa impressão que o Rodrigo falou né da construção do olhar voltado para o espaço no sentido modernista e tal e quando naquele momento lá da minha graduação eu já tinha um pezinho lá no design gráfico né com a com a inspiração do professor Homem de Melo que formou uma geração de designers que estão atuando aí hoje bem e super importante e eu tinha uma coisa com a infância sem perceber porque a gente eu acho que a formação ela sabe aquela aquele preconceito de que o que é de criança é menor o que a criança mais fácil infelizmente acho que a minha geração ainda tinha um pouco isso então quando a gente produzia coisas para criança era considerada um pouquinho menor e quando eu saí e fui aprendendo que é o contrário né assim e até tem uma frase que eu sempre uso nos meus trabalhos que é da antropóloga Clarice Cohn a criança não sabe menos ela sabe outra coisa e eu fui entendendo através dessa aproximação com a antropologia, eu fui estudar antropologia da infância com Adriana Friedmann e se abriu esse mundo esse essa sementinha que a Bianca fala foi aí que caiu para mim quando você começa a virar né e lado do adulto para o outro ponto de vista tentar se abaixar né numa altura diferente sentar no chão e olhar para o mundo tentando entender um outro ponto de vista, aí conheci a Lydia Hortélio aí foi foi para arrasar mesmo assim deixar a gente completamente apaixonado né e aprender a brincar de menino como ela diz e o meu caminho acabou sendo literatura. Mas quando a gente se forma arquiteto a gente inventa

um jeito de continuar arquiteto mesmo não sendo né então hoje eu tento muito pensar as interconexões entre arquitetura e urbanismo a cidade e a literatura.

**Simone Sayegh:** Igualzinho ao Rodrigo, igualzinho a você na minha faculdade não tinha formação nenhuma pra olhar pra criança, foi bem dura, bem modernista, tanto que depois que a gente começou a pensar em alguma coisa voltada para arquitetura para criança, eu e a Bianca, que eu senti da universidade, da academia, que isso não é um assunto ainda para a gente conversar, e onde eu encontrei e senti maior aproximação apesar também de um certa reação de que teoria você se baseando pra falar disso foi na pedagogia. Eu percebo que no início 2014/2015 ainda era muito embrionário esse movimento de olhar para criança eu acho que ele tava indo para pós, ficou mais nessas áreas de especialização, eu acho que em graduação e na academia principalmente aqui em São Paulo tô falando USP tá, eu sei que Mackenzie tem visões diferentes e tal mas assim eu senti mais uma certa, um certo mutismo, vamos dizer assim um certo nada a declarar, naquela época. Hoje mudou completamente, assim eu converso com amigas que estão fazendo pós, estão fazendo graduação, e o trabalho de graduação delas é sobre território, criança, infâncias, mudou completamente, muito rápido. E eu fui fazer pedagogia para complementar essa formação pra entender um pouquinho mais sobre educação que é a área que eu gosto, e depois eu me aprofundi um pouquinho em neurociência e percebi que na neurociência tem alguma coisa já tá dizendo, não contra, algumas teorias consagradas por exemplo a criança aprende desde quando tá na barriga, uma coisa incrível, impressionante então se a gente pensar em educação formatada como é a educação de uma criança até os dois, que nem disse o Jean Piaget e depois dos dois aos seis, essas barreiras, esses limites eles estão sendo diluídos, por conta do que a neurociência tem a dizer anos quer dizer, criança aprendi muito, bebê com um ano, dois anos as percepções que ela tem, auditivas, visuais, sensores de tato são extremamente maiores, gravasse na memória muito mais do que a gente imagina. Então eu fico imaginando um espaço e as interações que ela pode ter com o espaço, como isso é construtivo para uma criança. Muito antes do que a gente imagina, então a primeiríssima infância, urgentíssima.

**Roberta Asse:** Aproveitando esse gancho, Simone, acho que a gente deve essa evolução e essa mudança que você tá dizendo que é tão importante muito à instituições né como a própria Bernard Van Leer, o Alana aqui no Brasil enfim, tantas outras que estão voltando seu olhar e recursos de pesquisa né pra esse tema, mas também para pensadores que estão revolucionando, então por exemplo o Rodrigo citou o Tião Rocha né, e tantos outros que tem pensado muito a infância de uma outra maneira. Eu entendo também não sei se vocês concordam comigo que o olhar sobre o que são as infâncias mudaram então hoje a

gente entende as crianças como uma classe geracional tem direito a participação tanto quanto qualquer outra e aí estamos num momento que participação é essa? né? Então quando o Tião Rocha fala que lugar de criança é na rua, que rua é essa hoje né? E quando Manoel Sarmiento fala criança tem direito a participação política tanto quanto qualquer outra classe, que criança é essa né, não é mais aquela da época em que a gente fez a graduação por exemplo dos conceitos que a gente trouxe e aprendeu. Então queria ouvir um pouco de vocês sobre isso né como é ou como está sendo na experiência de vocês ou como a gente gostaria que fosse ou como poderia ser a participação da criança a representatividade as visões representadas nessa cidade contemporânea e também o contrário que cidade é essa que exemplos a gente tem de uma cidade que acolhe que consegue abrir um espaço de vivência, de experiências e de participação das crianças.

**Bianca Antunes:** O livro é Cidade, Gênero e Infância, ele foi organizado pelo Rodrigo e pela Ana Gabriela Godinho Lima e foi co-editado pistache e pela Romano Guerra, ele traz essa questão da academia ele traz essa tradição que a gente tem que já tem de olhar para quem já tá construindo e traz muita coisa que tá assistindo feito na prática assim até dizer que ninguém ri assim pequenas ações e pequenas instigações na cidade assim pra trazer pra instigar o olhar da criança pra cidade para construir a cidade junto aqui fazendo propaganda do livro porque eu acho que ele é importantíssimo ele ele é uma referência e acho que é um Marco assim isso que a Simone trouxe sabe que as coisas estão mudando sem acho que não marco nesse sentido e aí respondendo um pouco sobre a sua pergunta de participação infantil e um pouco também de projetos e exemplos que eu tô fazendo parte da equipe do Cecip junto com a Fundação Bernard Van Leer na implementação do Urban 95 em 11 cidades no Brasil e aí como parte assim de dessa implementação a gente faz algumas formações alguns webinars e tem um webinar, uma informação na verdade sobre participação infantil, uma pergunta que a gente faz para quem tá participando é você se lembra de algum momento nas Infância em que você participou de alguma forma de que é sua voz foi ouvida numa decisão que foi tomada seja na escola seja em casa e é avassaladora a resposta de quê não. Existem alguns poucos que fazem sim em casa sim mas Avassalador assim essa resposta Não minha voz não era ouvida. Então acho que é um exercício nosso que a gente tá trazendo para essa mudança não acredito que essa mudança já exista é um exercício constante e é um perceber que a criança não é um cidadão do futuro é uma cidade do hoje, ela é de hoje, Ela precisa ser ouvida para hoje para vida dela que tá acontecendo agora não para o que vai acontecer quando ela tiver 15 anos quando ela tiver 20 anos quando ela tiver 30 né. Eu acho que é esse é uma é algo que a gente que a gente sempre tá e eu vi elas é muito rico porque muitas vezes aparecem aparecem respostas que você acha óbvia né a gente sente brincar sempre vai aparecer uma piscina fazer uma escuta com criança para

transformação de uma praça para pensar o bairro vai aparecer uma piscina, que é um desejo justíssimo principalmente em cidades que faz calor né aí vai de como a gente conversa e transforma aquela piscina em outro tipo de água. Mas também trás né, eu e Si, a gente fez um trabalho em Cuiabá desde questões tão ricas estão sensíveis assim desde, eu quero uma banda, eu quero cultura na cidade quero música na cidade, quero água, água sempre, mas é isso quero um bebedouro que eu tava com sede no caminho faz muito calor e eu porque vocês não colocam um aviso aqui nessa praça onde a cidade nasceu e eu não sabia dessa história que aqui era onde a cidade tinha nascido eu quero saber para mim é legal então acho que esse escutar é muito é muito rico é um aprendizado muito importante assim né um abrir dos nossos olhos né. E é fazer algo, algo que eu eu quando criança e até pouco adulta né, não via a cidade como algo que é constantemente transformado para mim era tudo muito rígido era tudo muito tipo esta é a cidade que me deram. Mas não, a cidade está sendo transformada o tempo inteiro. Então saber que a gente tem esse poder de participação pra transformação dessa cidade que a gente tem voz para dizer eu quero um parque aqui do lado eu quero água eu quero beber água caminho de casa para escola porque faz muito calor, então acho que abrir esse espaço é fundamental para esse sujeito de direitos que Rodrigo trás né? A gente tem por exemplo em São Paulo, a gente tem Jundiaí que é uma cidade que a gente percebe a Secretaria de Urbanismo, de planejamento, O Secretário de Cultura super envolvido tem um comitê das crianças que se reúne para falar o que eles querem, onde eles querem investir, o que eles querem fazer no próximo ano então é um exemplo maravilhoso de como o poder público se engajou nisso e de como garantir essa participação efetiva e não é uma participação mas quando a gente fala em participação é muito fácil a gente falar ah vamos perguntar para criança se ela quer que pinte de verde e amarelo essa é uma participação muito decorativa né, essa participação que a criança chega que a voz dela é ouvida né e que há uma transformação efetiva ela é mais difícil, ela é mais demorada, mas ela traz muito mais frutos mais produtos.

### **Áudio de passagem:**

*Criança: Vamo?*

*Mãe: Vamo. Na rua, bora?*

*Criança: Cadê meu sapato?*

**Roberta Asse:** Então, na verdade queria puxar essa questão, a gente tá aqui celebrando pelo menos dois livros né o cidade gênero infância que vocês acabaram de contar um pouco para gente e o livro do Semeio que tá chegando também que se chama O dia que fui a cidade só pela primeira vez. Então acho que a gente podia, para fechar com chave de ouro essa conversa boa pensar qual é a contribuição né, como pode ser ou qual a

conexão? A literatura como aliada nessa conversa nessa nossa vontade de trazer as crianças para olhar as suas cidades de todas as cidades de um jeito diferente e ser esse sujeito participativo, ativo, construtor das nossas cidades.

**Simone Sayegh:** Eu, independente da minha formação, sempre fui uma leitora ávida, sempre amei livro infantil. Quando a gente começou esse projeto eu já enchi a biblioteca de centenas de livros. E na verdade quando a gente começou eu falei com a Bi, como que a gente vai ensinar arquitetura para criança, como a gente vai mostrar isso? Vamos fazer um livro, e a gente acha que esse instrumento livro, o virar a página ou identificar a ilustração, se impressionar com as imagens com o que tá escrito parar para pensar e refletir, faz parte do processo de desenvolvimento humano em todas as etapas. Então literatura, ler, estar em contato, tanto que até hoje eu compro livro e não consigo usar muito o tablet, esse negócio de você pegar o livro, cheirar o livro, tem cor é gostoso, é lúdico ler, então a gente imaginou isso a gente achou que a melhor maneira realmente era realmente o livros e foi por isso que a gente começou, Casacadabra 1, Casacadabra 2 e foi lindo. Então é isso. O livro é um enorme instrumento de tudo, de Educação, de sentir, de refletir, de viver, de estar no mundo.

**Bianca Antunes:** Eu também fui sempre fui uma grande leitora assim desde pequena desde gibi mas e até hoje assim quando eu leio literatura principalmente ela ela tem essa qualidade né de levar a gente para outros mundos ele é uma ferramenta ou ele é uma plataforma olhar um veículo que te leva você pega e de repente você não tá mais aqui você conhece outros lugares você vivencia o que o outro está vivenciando você chora o que o outro está vivendo sentindo né sem realmente estar naquele lugar, acho que para gente que decidiu, um dos caminhos que a gente decidiu pra falar de criança de cidade, território. Falar com as crianças, para as crianças foi pelo livro assim então Acho que por isso né E a gente sempre faz muitas comparações quando a gente lê a gente compara com que a gente vê a gente compara com que a gente vive então foi um pouco disso assim de olhar para aquelas Cidades para brincar né de olhar para aquela praça em que a comunidade se uniu para modificar e olhar para sua própria praça e falar assim, e aqui não dá pra fazer a mesma coisa? é instigar plantar nas pessoas essa sementinha que ficou plantada na gente acho que esse também um pouco um pouco do nosso do nosso objetivo.

**Simone Sayegh:** Espalhar a boa nova né?

**Rodrigo Mindlin:** Muito legal muito bom lembrei aqui também do prêmio territórios Instituto referência super importante né que coisa do livro livro livro livro absolutamente

indescritível né curiosamente em palavras porque essa coisa da experiência dos Sentidos nessa possibilidade do livro e da contação de histórias enquanto criança não não se alfabetizou ele vai resistir como objeto, como sentido como, experiência, como parceiro dessa possibilidade de encontrar meios né de poder reivindicar vida e 20 ficar os direitos através desta possibilidade que o livro nos dá né além dele ser um objeto perene nos livros ficam a gente passa seus ficam eles quantos filhos a gente lê de tantos séculos atrás as histórias As fábulas Então acho que essa é uma das coisas mais bonitas dessa experiência né do livro e justamente para as infâncias é muito importante. Então acho que ele é um dos meios de expressão mais potentes que a gente tem e que abre portas e caminhos que a gente jamais podia imaginar antes de entrar em contato com acho que é muito muito bacana a gente está engajado nisso.

### **Áudio de passagem**

*Criança: eu acho formigazinhas, eu faço casinhas para formiga, eu como picolé, eu acho cobras, eu vejo patos, eu vejo tartarugas.*

**Hector Sousa:** Infelizmente o tempo urge e a gente tá batendo nosso aqui e eu quero agradecer as nossas convidadas e nosso convidado para esse papo é muito obrigado por aceitar o convite e por compartilhar as experiências e conhecimentos aqui com a gente.

**Simone Sayegh:** Um prazer.

**Rodrigo Mindlin:** Obrigado a gente que agradece.

**Bianca Antunes:** Obrigada, gente foi maravilhoso. É sempre ótimo, como falei no início sempre ótimo falar disso assim, se deixasse a gente ficava a gente viu.

**Roberta Asse:** Muito legal Hector a gente começa a entrar na parte das histórias aí não tem fim gente de jeito nenhum, mas eu fiquei muito feliz de ouvir vocês nossa dá vontade de fazer mais, cada vez mais né, ampliar tudo isso gritar através da voz do livro do espaço, muito muito gostoso.

**Hector Sousa:** Obrigado a você também ouvinte que escutou até aqui e espero que você tenha gostado muito desse papo se você não segue o projeto traz dois vai lá no Instagram no Facebook procura por arroba projeto traduz com SD sustentável e segue a gente para ficar a par das nossas novidades E você também pode acessar nosso site projeto TraDUS ponto org.br.